

João Bento herda cotada em rota descendente na bolsa nacional

Os CTT valem hoje menos de metade do que no final de 2013, altura em que fez a sua estreia na bolsa. Este ano, a queda aproxima-se de 25%. E as perspetivas não são entusiastas.



22 de maio de 2019 às 09:00

O novo presidente dos CTT herda uma cotada que tem sido alvo de uma enorme pressão. Só em 2019, os correios já perderam quase um quarto do seu valor em bolsa.

E a missão não se prevê fácil, uma vez que uma boa parte desta pressão não se justifica apenas com a operação da empresa.

A história da bolsa dos CTT divide-se em duas linhas: antes e depois do dia 31 de outubro de 2017. A empresa estreou-se em bolsa no final de 2013 e até àquela altura os ganhos foram-se acumulando. Naquele dia de 2017, os CTT contavam com uma valorização bolsista de quase 87%. Desde então os títulos afundaram, valendo hoje menos de metade do preço a que foram vendidos na oferta pública inicial (5,52 euros).



PUB

O dia 31 de outubro de 2017 espoletou assim uma série de outros eventos. Naquele dia, a empresa liderada por Francisco de Lacerda anunciou uma quebra de lucros, um corte nos dividendos a distribuir e reviu as previsões de resultados. Em dezembro desse ano apresentou um plano de reestruturação, que incluiu fecho de balcões e redução do número de trabalhadores.

Desde então, as notícias não têm sido animadoras. Os resultados têm-se deteriorado e a política de dividendos – que foi uma das grandes apostas para atrair investidores – acabou por ser revista.

Em 2019, os CTT já perderam quase um quarto do seu valor em bolsa, valendo atualmente cerca de 331 milhões de euros, mantendo assim a tendência que têm vivenciado desde o final de 2017, atingindo mínimos históricos consecutivamente.

O final do mandato de Francisco de Lacerda fica assim marcado por uma elevada pressão. Entre o desempenho operacional e a pressão política - com o fantasma da renacionalização a pairar - nada terá contribuído para um aliviar dos receios dos investidores.

"A pressão vendedora [nos CTT] parece não ter sido amenizada", mas esta não é uma realidade apenas dos CTT, "todos os incumbentes [Bélgica, Holanda, Áustria] têm sentido mais ou menos os mesmos impactos", salientou ao Negócios João Queiroz, diretor de negociação eletrónica da GoBulling, do Banco Carregosa.

Os correios portugueses têm, no entanto, um outro fator de pressão: o Banco CTT.

Isto porque é uma entidade que está a entrar no mercado, o que a limita no que respeita ao aumento das comissões. Assim, a única forma para potenciar o negócio da banca "seria através da margem de juro", o que implica aumentos de juros na Europa, "ou atrair mais crédito".

Champalimaud reforça

O maior acionista dos Correios tem vindo a reforçar a sua posição no capital da empresa, tendo atingido os 12,85%. Desde a semana passada é comunicada diariamente aquisição de ações. No total, em

quatro dias, a Manuel Champalimaud SGPS (ex-Gestmin) investiu mais de 720 mil euros na compra de 327,7 mil títulos dos CTT.

Esta posição "mostra o compromisso [do maior acionista] no projeto", sublinha João Queiroz. Contudo, num ambiente em que o setor postal se "mantém pressionado", não será suficiente para inverter a tendência.

Aliado a este contexto, os CTT têm uma outra fonte de pressão, com as chamadas posições a descoberto, ou seja, as apostas na queda do valor dos títulos. A informação mais recente aponta para que quatro entidades detenham 3,71% da empresa. Ainda que no verão do ano passado esta percentagem tenha chegado a representar mais de 10% do capital dos CTT.

João Queiroz admite que "a tendência de queda se mantenha" nos CTT, considerando que "apenas alguma fadiga na [pressão de] venda, num contexto generalizado de aposta no risco, poderia espoletar uma recuperação técnica desta ação".

O contexto não parece animador, mas "podemos sempre ser surpreendidos pelo novo presidente dos CTT", acrescenta o responsável.